nho de Nestor Vítor, o amigo mais próximo do malogrado poeta, ouviu em conversas amenas relatos sobre o calvário sofrido pelo poeta negro e recebeu das mãos do jovem crítico os manuscritos das obras inéditas de Cruz e Sousa. Mais do que retificar a avaliação que até então fazia do simbolista, Romero passou a considerá-lo o maior poeta da literatura brasileira. Este livro ajuda a compreender por que palavras tão enfáticas não encontraram eco.

Alvaro Santos Simões Junior é professor de literatura brasileira na Faculdade de Ciências e Letras, *campus* de Assis, da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Publicou pela Editora Unesp *A Sátira do Parnaso* (2007), *Estudos de Literatura e Imprensa* (2014) e *Bilac Vivo* (2017).

Este livro reúne resenhas, notícias e ensaios divulgados em periódicos do Rio de Janeiro por ocasião do lançamento de obras de Cruz e Sousa no período de 1893 a 1905. Parte desses textos publica-se em livro pela primeira vez. Na introdução, o autor detalha, a partir do estudo de fontes primárias, a trajetória do poeta negro no Rio de Janeiro, onde obteve, de início, êxitos literários notáveis, mas, ao aliar-se a determinado grupo de jovens escritores, viu estreitarem-se as oportunidades de trabalho e divulgação de seus textos. Emparedado pelas circunstâncias, morreu em Sítio (MG), vencido pela tuberculose, doença oportunista da pobreza e dos organismos depauperados. Após sua morte, sua memória e sua obra continuaram por vários anos a ser alvo de discussões entre intelectuais cariocas. Para alguns, como Artur de Miranda e Luís Guimarães Filho, tinha sido um gênio, e talvez pudesse ser considerado o maior poeta brasileiro de todos os tempos (Sílvio Romero). Para outros, nunca passou de poeta incompleto, que se frustrara ao pagar pesado tributo à sua ascendência africana (Araripe Jr.).

edusp 60 anos

ISBN 978-65-5785-097-8

Cruz e Sousa na Imprensa Carioca

Alvaro Santos Simões Junior

Ensaios de Cultura 64

edusp

Cruz e Sousa na Imprensa Carioca

do *Missal* aos *Últimos Sonetos* (1893-1905)

Alvaro Santos Simões Junior

edusp

Cruz e Sousa chegou ao Rio de Janeiro no final de 1890 com o presuntivo propósito de conquistar um lugar ao sol no mais importante centro literário do Brasil. Naquela altura, seguia acesa uma polêmica em torno dos *novos*, grupo de jovens escritores que, depois de terem sido identificados por Pardal Mallet, passaram a tratar com irreverência, quando não insolência, autores mais velhos que consideravam medalhões. Pouco tempo depois, Cruz e Sousa passou a ser considerado líder e o mais importante escritor do grupo.

Com apenas dois anos de residência na então Capital Federal, divulgou versos e poemas em prosa em vários veículos de imprensa até que, em fevereiro de 1893, publicou *Missal* e, em agosto do mesmo ano, *Broquéis*. Produzidos por uma editora de relativo prestígio, esses livros não foram ignorados por redatores e resenhistas, embora também fossem alvo de restrições jocosas (Artur Azevedo), elogios ambíguos (Medeiros e Albuquerque) e cruéis sarcasmos (Coelho Neto). Quando, porém, os *Broquéis* já tinham sido objeto da atenção apressada dos jornais, caiu sobre o *Missal* uma violenta diatribe assinada por Carlos Magalhães de Azeredo, amigo de Olavo Bilac, Machado de Assis e outras figuras ilustres que, em 1897, fundariam a Academia Brasileira de Letras.

Cruz e Sousa faleceu em 1898, deixando inéditos três livros prontos para serem editados: *Evocações*, *Faróis* e *Últimos Sonetos*, os quais seriam publicados graças unicamente ao empenho de amigos. Sílvio Romero, vizi-

capa Cruz e Sousa na Imprensa_CTPCris.indd Todas as páginas

11/10/2022 15:15:32